

## EDITORIAL

## AS VIAS DA GLOBALIZAÇÃO

Maria Helena L. Souza

Rio de Janeiro, Brasil

Há, de longa data, uma forte tendência entre os indivíduos, de pensar que as coisas boas podem nos acontecer a qualquer momento, com ou sem relação com o que fazemos, enquanto as coisas más, apenas acontecem com os outros. Puro engano. Nada mais equivocado. O que acontece conosco é resultado das nossas atitudes, ou da sua falta, como indivíduos e como coletividades.

Como perfusionistas, somos integralmente responsáveis, individual e coletivamente, pelo que nos acontece ao entrar em perfusão, ao entrar no nosso local de trabalho, ao entrar na sala de reuniões e ao entrar na nossa casa. Nunca somos apenas um indivíduo, embora com frequência, nosso comportamento seja individualista, nosso trabalho seja solitário e nosso coletivo não nos estimule. Somos, por força da nossa atividade, parte de uma engrenagem, cada vez mais impessoal e cada vez sob maior e mais justa pressão e, por nossa própria responsabilidade, somos o elo mais fraco. Aquele imediatamente pronto a romper, diante de qualquer estresse da corrente a que estamos ligados. E estamos prontos, sem imunidades, para sofrer as consequências da rotura, mesmo contra a vontade dos demais elos da corrente. Que se tornaram mais fortes graças ao esforço pessoal. E tem o respaldo dos seus pares, graças ao esforço coletivo.

A história, a organização do homem e a evolução da sociedade humana tem lições que o tempo não conseguiu dissipar. E podemos nos socorrer dela para compreender o que somos, diante do tanto que precisamos crescer, para alcançar a mesma resistência dos elos da corrente de que somos parte.

O pensamento inteligente, a repulsa à arrogância, o culto à humildade e o compartilhamento do conhecimento são instrumentos antigos que, apesar de tudo, ainda hoje, precisam ser cada vez mais divulgados e, principalmente, praticados. Pitágoras foi um dos vultos mais grandiosos da nossa civilização.

Nasceu na Grécia, no ano de 585 AC. Ainda menino foi enviado ao Egito para sua iniciação filosófica. Um dos seus aforismas mais importantes diz o seguinte: “Ajude um homem a erguer a sua carga, mas não o ajude a baixá-la”. Com isso, Pitágoras pregava a ajuda aos que dela precisavam mas recomendava não socorrer aos que buscavam fugir das suas responsabilidades. Anos mais tarde, no Oriente, divulgou-se outra versão inspirada no mesmo ensinamento de Pitágoras, que dizia: “Não dê o peixe, ensine a pescar”. Lições dessa natureza são produto do pensamento dos luminares nas ciências que governam a vida e que orientam as relações entre os seres humanos. É meritório contribuir para o crescimento dos semelhantes mas, não se deve encorajar o ócio, a indolência, a preguiça, a irresponsabilidade e o não cumprimento dos deveres. É incontestável a atualidade desses aforismas e pensamentos nascidos nos primórdios da civilização do homem.

Nos dias atuais, um sociólogo canadense, Marshall McLuhan, desenvolveu o conceito de “Aldeia Global”. Este conceito surgiu no seu livro “O Meio é a Mensagem” em que o autor demonstra as transformações e a revolução tecnológica que as diversas formas de comunicação introduziram nas relações humanas. Na época atual, com o avanço da televisão, da telefonia celular e da internet, a velocidade da difusão do conhecimento e da informação, o mundo funciona como um único território e essa globalização nos permite conhecer e participar muito rapidamente de tudo o que ocorre, tanto à nossa volta quanto nos lugares mais distantes. Segundo a interpretação dos conceitos desse importante pensador moderno, as idéias ensinadas por Pitágoras nunca perderam a validade. Ao contrário, elas assumem, nos dias atuais, uma importância ainda maior, devido à velocidade com que os fatos, as descobertas e as novas idéias podem ser compartilhadas, num mundo que caminha cada vez mais aceleradamente para a constituição de uma única nação, a

Terra. Sem barreiras ou fronteiras capazes de isolar pensamentos, idéias e informações.

É patente a necessidade da aglutinação dos iguais. Para a preservação dos interesses da sua coletividade e dos interesses de cada um dos seus participantes, diante do avassalador movimento de globalização que foge a todos os controles, inclusive os governamentais, já que se move impulsionado pela informação e pelos recursos financeiros. Estes dois valores comandam o mundo moderno e determinam as suas tendências. No aspecto individual é considerado abastado qualquer indivíduo que possua, mais que os outros, valor monetário ou informação. Via de regra, a posse da informação leva à conquista de valores monetários, enquanto o oposto, felizmente, não é verdadeiro. O dinheiro pode comprar muitos livros, mas não os seus ensinamentos. Isso nos remete aos tempos de Pitágoras, em que o pensamento inteligente conferia autoridade e conquistava seguidores.

Na “Aldeia Global” surgirão, indiscutivelmente, novos e bem organizados grupos, coletividades e associações. Estas últimas deverão ser mais modernas e mais dinâmicas, prontas para agir na medida do interesse dos seus componentes, especialmente em defesa do seu campo de atuação, face à inequívoca marcha em direção à universalidade da informação. Durante o tempo em que estas linhas foram lidas, milhares de novos documentos foram criados e divulgados. O isolamento, o individualismo, a introversão laborial e científica serão as características dos indivíduos marginalizados. Ao contrário, a união, a associação e a formação de grupos com interesses comuns serão as características dos indivíduos e, em consequência, das coletividades aptas a aplicar a informação disponível, planejar seus caminhos e gerenciar os seus destinos. O desenvolvimento será o oposto da tutela; a agilidade será o oposto do imobilismo; a solidariedade será o cimento da construção das coletividades. Só haverá espaço para os agrupamentos bem organizados e constituídos e, por definição, os grupos homogêneos. O que ocorre na “Aldeia Global” dos dias atuais é a amostra da globalização dos dias futuros. Apenas a solidariedade irrestrita tem força. Apenas a informação tem poder. Fora disso, a globalização excluirá os ociosos, os indolentes, os preguiçosos e os irresponsáveis que, por falta de melhor opção, apenas conseguirão sobreviver, quando tutelados.

Devemos todos contribuir para que o elo que representamos seja forte e resistente como os demais. Isso depende do esforço individual. A soma dos es-

forços individuais constitui o respaldo de que precisamos para entrar em perfusão, entrar no nosso local de trabalho, entrar na sala de reuniões e entrar na nossa casa, com a satisfação do dever cumprido e a segurança da proteção da nossa coletividade. Enquanto julgarmos que essa responsabilidade é apenas dos outros, seremos apenas os que aplaudem o desempenho dos que se esforçaram para alçar os degraus que estão à nossa frente.

Maria Helena